

As fronteiras como feridas da modernidade: O corpo-texto anunciando o futuro

Fidelainy Sousa Silva*
Gerson Roberto Neumann**

RESUMO: A obra da chicana Gloria Anzaldúa foi o corpo-texto capaz de impulsionar o debate sobre a fronteira. A identidade *mestiza* e o texto como denúncia extrapolam o pensamento individual para o coletivo e difundem a multiplicidade identitária na área fronteiriça - *Borderland*. Considerando a fronteira como espaço para a efervescência de sujeitos múltiplos, cabe aqui este diálogo aproximar a fronteira com a concepção de ferida. Nesse sentido, a modernidade estaria pautada a partir do corpo-texto dessa escritora que foi capaz de anunciar o futuro.

Palavras-chave: corpo-texto; Gloria Anzaldúa; fronteira cultural.

Introdução

A ficção pode ser uma realidade ainda não realizada;
a realidade pode ser uma ficção já realizada.
- Eurípedes Falcão Vieira

A fronteira é um espaço dialógico entre duas culturas diferentes e, em certa medida, estabelece contato com o presente e o futuro como anúncio da modernidade. Para Stuart Hall (2011), a característica transitória da modernidade não se trata apenas da presença de sujeitos diaspóricos, mas da instabilidade política desses espaços atravessados por dois ou mais *lócus* culturais. Na voz de Gloria Anzaldúa, as características do espaço atravessam o sujeito de maneira intrínseca e acaba por modificá-lo de modo irreversível. Os trânsitos dos espaços de fronteira têm o ‘ir-e-vir’ como característica primordial, sendo imprescindível “o sentimento de inacabamento, ilusão nascida da incapacidade de conceber o ‘entre-dois-mundos’, a complexidade deste estado/espaço e desta temporalidade” (HANCIAU, 2005, p. 133). Considerando esta complexidade identitária nas regiões de fronteira, é natural que os conceitos que as definem também fossem constantemente interpelados por novas significações. As fronteiras culturais, além de significar divisões territoriais, “são porosas, permeáveis, flexíveis. Deslocam-se ou são deslocadas” (HANCIAU, 2005, p. 133). Afirmar que as fronteiras são ‘inacabadas’, ‘transitórias’ e ‘porosas’ aproxima este espaço ao lugar de disputa. No geral, a fronteira não é estritamente geográfica porque ela está em choque cultural, espacial e identitário. Nas palavras de Anzaldúa, “*Borderland* é um lugar vago e indeterminado criado pelo resíduo emocional do limite não natural. Está em um estado constante de transição¹” (ANZALDÚA, 2012, p. 27). Ora, Anzaldúa redimensiona outros elementos dessa grande área cultural para além da fronteira geográfica, ou seja, não basta considerar a separabilidade entre dois países, é preciso evidenciar os complexos processos identitários dos sujeitos que ocorrem de maneira diversa individualmente e ou coletivamente.

A saber, extrapolar a compreensão sobre esse caminho identitário serve para alargar a visão cultural de maneira desconstruída e para redirecionar as relações de poder postuladoras da sociedade. Esta investigação parte da identidade, mas a usa como eixo articulador necessário à discussão sobre a realidade cultural pós-moderna. Para isso, essa visão implica na compreensão das relações intrínsecas de poder através, sobretudo, de dois crivos complementares: o global, com as configurações gerais da estrutura colonial, e o local, com sujeitos invisibilizados. Essa relação estabelece dicotomicamente os papéis entre os dominadores e os dominados, no entanto, evidencia o *locus* de análise sobre a complexidade das construções identitárias provenientes de estruturas impostas durante o

período de colonização. Nesse sentido, o olhar de Walter Mignolo (2007) sobre os processos históricos explica que são etapas necessárias para interligações essenciais de análise e não compreendem o espaço cultural do presente sem os subsídios do passado.

No que se refere ao processo de transferência de valores, Bhabha afirma:

[a] diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico – enquanto a diferença cultural é o processo da *enunciação* da cultura como ‘conhecível’, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural (BHABHA, 2012, p. 69).

Não há um sistema de enunciação em que a cultura é fechada e conhecida, o que há é um processo inacabado passível de ser conhecido. Assim, em *Borderland*, o espaço fronteiriço também movimenta a escrita e o corpo de Gloria Anzaldúa, tornando-os como status *conhecível*, proposto por Bhabha (2012). Portanto, Anzaldúa se inscreve na urgência do futuro como se ela fosse um devir. O fluxo permanente da escrita de Anzaldúa transita entre os fatores históricos da consolidação da fronteira geográfica entre México/EUA e conduzir o leitor à fronteira identitária para revelar que esses são, sobretudo, espaços atravessados por vozes anteriores ao momento presente. Cabe este diálogo explorar esse imaginário dos percalços de fronteira física e ideológica, invisíveis e palpáveis para expor, de antemão, o jogo de poder que esses espaços representam.

A instabilidade da fronteira e disputa racial

Anzaldúa denomina a fronteira geográfica de *Border* e a fronteira cultural de *Borderlands*, em suas palavras: “*Border* são configuradas para definir os locais que são seguros e inseguros, para distinguir nós e eles. *Border* é uma linha divisória, uma faixa estreita ao longo de uma beira íngreme².” (ANZALDÚA, 2012, p. 27). A declaração de Anzaldúa é didática e a potencialidade desta justificativa torna possível usar suas palavras para exemplificar outros espaços fronteiriços. A noção de espaço físico estabelece a palavra *Border* como uma ‘linha divisória’ e a palavra *Borderlands* como um ‘um lugar vago e não determinado’ e ambas contribuem para a compreensão da realidade dos *chicanos* e mestiços. No geral, *border* e *Borderland* são duas interpretações fundamentais para constituir o ‘espaço cultural’. Além disso, dessa postura é importante ressaltar a visão do estado que considera a fronteira como limite de cada estado-nação. Na configuração estatal as identidades nacionais são restritas pelas linhas divisórias de cada país. Logo, nessa lógica a identidade do sujeito mexicano estaria diretamente atrelada aos limites territoriais mexicanos e, da mesma forma, a identidade norte-americana estaria determinada homogeneizada pelos limites do país. Ambas perspectivas são imprescindíveis para o desdobramento desse olhar cultural marcador da modernidade, tanto a compreensão territorial quanto a compreensão de mescla identitária, contudo, não é possível fazer uma análise estritamente identitária.

O alargamento do conceito de fronteira capaz de justapor tanto a concepção de *Border* quanto de *Borderlands* exige uma leitura do processo de apropriação territorial mexicana pelos Estados Unidos da América. A fronteira é lugar de tensões política e disputa étnica. Ademais, essa área cultural se torna ambiente identitário dos não encaixados, dos não classificáveis, dos ilegais, dos atravessados, dos mestiços, dos *chicanos* e dos indígenas. Essa fronteira é o próprio espaço cultural que abriga os sujeitos resultantes dos movimentos transitórios causadores dos choques culturais entre o novo e o diferente, ou ainda, entre os antagônicos. No entanto, Anzaldúa vai além de ressaltar a hibridização dessa fronteira, ela denuncia a violência das abordagens na fronteira:

o Sudoeste considera os habitantes da *Borderlands* de transgressores, estrangeiros – *aliens* – se eles possuem documentos ou não, se eles são Chicanos, índios ou negros. Não entram, invasores serão estuprados, mutilados, estrangulados, envenenados por gás, tiros. Os únicos habitantes “legítimos” são os que estão no poder, os brancos e os que se alinham com os brancos. A tensão prende os habitantes da *Borderlands* como um vírus. Ambivalência e inquietação residem lá e a morte não é estranha³ (ANZALDÚA, 2012, p. 27).

A denúncia traz a realidade transparente da fronteira. Para a discussão política deste trecho consideramos que fazem trinta anos da publicação da primeira edição do livro⁴. No entanto, de maneira contundente suas palavras expõem que não é possível atravessar a fronteira sem sofrer consequências violentas. Na condição de sobrevivente dessa travessia, Anzaldúa concentra sua revolta para se tornar uma voz poderosa em favor dos *chicanos*, dos negros e dos mestiços em solo norte-americano. Os *chicanos* são considerados ‘alienígenas’ porque são vistos como uma massa disforme e sem identificação – são os ilegais em um território que já pertenceu aos seus ancestrais. Sem nome sem documentos os *chicanos* não têm e proteção legal e sofrem explorações trabalhistas, não têm habitações dignas e sobrevivem ao abandono de assistência médica. Anzaldúa afirma que a legalidade dos *brancos* – norte-americanos – institui poder a essa classe, tornando-os uma a força contra os imigrantes os ‘invasores’. Todos os *não-brancos* são considerados um *vírus* causador da desordem nacional. Mesmo que a situação se configure na antítese gerada pela exploração, haja vista que a classe exploradora se incomoda com a presença dos *chicanos*, mas precisa desta mão de obra para se manter no topo da pirâmide social. Ora, é preciso compreender os limites de existência para os *não-brancos*, enquanto estiverem distribuídos em funções subalternas e sem representatividade nas esferas políticas, culturais e educacionais estarão executando esse papel de “transparentes”. É preciso que os *chicanos* sejam os *vírus* para desestabilizar essa estrutura opressora.

A naturalização da criminalização na região de fronteira perpetua a segurança aos cidadãos *brancos* de nacionalidade ‘identificada’ e de insegurança aos ‘não identificados’. Nesse caso, o conceito de estrangeiro não é adequado porque os *chicanos* nasceram em solo norte-americanos. As características excludentes estão no corpo. São os traços na pele impossíveis de esconder que condenam estes cidadãos as condições de não lugar em sua própria terra natal. As suscetíveis cenas de humilhações e de violência configuram o racismo cotidiano. Os *chicanos* são alvos de agressões físicas como estupros e mutilações, como também de silenciamento de sua existência. A justaposição do liberalismo norte-americano, do poder bélico reconhecido internacionalmente, das explorações territoriais transforma os Estados Unidos da América uma potência econômica, no entanto as consequências para o México foram cruéis. Considerando esse quadro, a tensão gerada nessa região se espalha não apenas no controle severo para a travessia da fronteira, mas alterando o imaginário e a identidade mexicana. As gerações futuras escutam as narrativas de violência e perpetuar essas narrativas de fracasso e submissão. As adversidades enfrentadas pelos sujeitos da fronteira acabam gerando a estratificação racial e geram um *status quo* de impossibilidade e fraqueza. Contudo, se os *aliens* são os sobreviventes sujeitados a condições de vida inferiores às da humanidade a fronteira, então, é o lugar mais poderoso destes dois países. Se considerarmos que há as forças reativas contra a opressão estaremos diante de impulso de vida tão intenso quanto a opressão imposta. Dito de outra forma para toda força de morte há uma potência geradora de vida na mesma intensidade. É exatamente nessa força de resistência que eles se multiplicam como vírus, persistindo e se multiplicando em intermináveis ciclos de morte e recomeço.

Anzaldúa escolhe este *locus* para anunciar as perspectivas de futuro. Ela não pretende um discurso apaziguador, pois para ela é exatamente a complexidade de violências dessa região que define o ponto de partida para a compreensão identitária. Logo, é necessário mostrar que a luta ultrapassa as questões de valores culturais e ou de supremacia social, mas intenciona extrapolar o genocídio para alcançar a pulsão geradora de vida. A resiliência é apenas uma das características da *Borderlands*, pois não se trata somente de segregação cultural, mas é uma realidade reinventada desde que os indígenas foram dizimados. Logo, as potencialidades da vida surgem mesmo quando a morte é o único lastro. A dominação branca deixou como legado a ausência dos corpos indígenas, mas gerou as intrínsecas possibilidades de intercruzamento racial. A questão, portanto, é tão real quanto simbólica, dependendo da geração que fala sobre as agressões a dominação cultural recebe novas conotações. Mesmo que as gerações de mexicanos se reconheçam como sobreviventes marcados por uma cultura intitulada “fraca” explorada pela cultura “forte”, estão insistentemente devolvendo aos *brancos* a insistência pela vida. Ou seja, *chicanos* subvertem, por exemplo, a língua inglesa e práticas alimentares instaurando desobediência natural da reinvenção cultural.

Por outro ângulo de análise, os *chicanos* não aceitam a segregação social e resistem diariamente e sofrem no próprio corpo as características que autorizam as humilhações. A cor da pele, os traços físicos, o sotaque, a postura e a própria concepção de vida, todas essas são as provas que ‘incriminam’ *mestizo* e o caracterizam como alvo. Portanto, em se tratando dessa região as complexidades se desdobram em pontos paradoxais. Ora, o discurso opressor considera a fronteira uma região descartável, no entanto gama de funcionários, que são, em grande medida, o motor da atividade econômica dos grandes centros. Consequentemente, não se sustenta a assertiva de que esses sujeitos de fronteira são descartáveis. As discussões políticas sobre esta realidade de fronteira estão interligadas as complexidades culturais, ora a realidade identitária não é um elemento isolado, isso porque o quadro social precisa de todos os fatores correlacionáveis.

Ademais, enquanto a assepsia destes espaços ocuparem as principais pautas a exclusão dos fatores de exploração ficaram escondidos. Os acordos políticos para a expansão territorial imperialista geraram morte dos indígenas, tomadas de terras, entre outras consequências, e estes massacres geraram corpos. Ou seja, enquanto Anzaldúa descreve as adversidades da região de fronteira, acaba mostrando também os lastros de sangue e podridão deixados pela intenção exploratória. Walter Benjamin (1987), ao chegar no porto da cidade Marselha, constrói a imagem de que o porto prolifera vida em meio a podridão: “a população do porto é uma cultura de bacilos; carregadores e meretrizes, produtos antropomorfos de putrefação. (BENJAMIN, 1987, p. 198). Esta é exatamente a mesma imagem que Anzaldúa levanta. A proliferação de vírus e bacilos descrevem os sujeitos da região portuária e a fronteira como uma ferida aberta. A impossibilidade de cura está diretamente relacionada a impossibilidade de reparação deste caos cultural.

Ademais, a imagem da ferida levanta um caráter sensorial e carrega a intenção de causar choque ao leitor. Nesse sentido, Anzaldúa estaria convidando-o a experimentar essa realidade hostil. Portanto, a força narrativa do livro *Borderlands* extrapola o campo textual e se torna o leitor em cúmplice dessa complexa realidade político e cultural. As sensações viscerais expõem os *chicanos* como refugio de gente de corpos insistentes pela sobrevivência. Por isso, a tentativa de converter essa imagem do porto na imagem de ferida aumenta as possibilidades de compreensão desta região. Os mesmos sujeitos marginalizados que existem nas fronteiras também existem nos portos e nas periferias. Essa aproximação promove uma ampla imagem de que a ‘sujeira’ está sempre em espaços como dos portos, das fronteiras e de todas as regiões culturais conflituosas, isso porque, a

proliferação viral precisa também da putrefação. Ou seja, a decomposição de corpos gera um espaço cultural de re-existência.

Portanto, essa disputa na fronteira pode também ser considerada como um agenciamento rizomático derridiano. Os pontos do rizoma estabelecem um fluxo contínuo de movimento e a instabilidade dos pontos define este espaço cultural como não fixo. Só é possível observar o rizoma através da captura do agenciamento do momento da movimentação imprevisível. Do mesmo modo, em se tratando de identidades, quando Anzaldúa descreve a fronteira ela a situa tal qual um rizoma: o movimento e a imprevisibilidade de resultado são sempre provisórios, pois não se presume produto acabado, ao contrário, é o ‘inacabamento’ a força motriz do debate identitário. Mesmo o caráter político e étnico racial sendo um dos principais eixos desse debate a proposta de Anzaldúa é adentrar a questão identitária não consegue camuflar as dores causadas pelos choques culturais que resultam nas feridas da modernidade.

As feridas da modernidade

Ao problematizar sobre identidade e liberdade, Edward Said (2003) discute a autoridade e a liberdade acadêmicas depois das lutas anticoloniais e afirmando que: “é importante compreender a terrível ferida espiritual sentida por muitos de nós devido à presença contínua em nosso meio de estrangeiros dominadores que nos ensinavam a respeitar mais os valores distantes do que os nossos” (p. 195). Nesse caso, a dominação durante o colonialismo constrói a identidade diante do sentimento de inferioridade cultural percebida como *ferida espiritual*. Ao considerar esse processo como ferida espiritual, o teórico associa essa supremacia identitária específica à imagem da dor, tal qual Anzaldúa quando nomeia a fronteira de *herida abierta*. Ambos, Anzaldúa e Said, além de se posicionarem em relação à palavra *ferida*, abrangem as metáforas interpretativas do termo, associando-as a um sentimento de inferioridade colonial.

A fronteira entre os EUA e o México *es una herida abierta* onde o Terceiro Mundo se opõe ao primeiro e sangra. E antes da uma crosta se forme há hemorragias novamente, a força vital de dois mundos se fundindo para formar um terceiro país - uma cultura de fronteira⁵ (ANZALDÚA, 2012, p. 25).

Gloria Anzaldúa consegue extrapolar a ideia de ambivalência usada para caracterizar espaços fronteiriços. Considerar a fronteira como ferida positiva a característica não asséptica da ferida-fronteira porque considera a capacidade de continuar viva. Com efeito, o termo *herida abierta* denomina, então, o lugar da *chicana*, da multiplicidade do Ser, do mestiço e marca também o espaço cultural como ferimento vivo. Ou seja, a fronteira é o próprio desenho deixado depois do momento do corte. Essa ilustração faz referência ao momento do corte e a consequência desse ato. No entanto, é na extensão da lesão e na impossibilidade de cura que reside o sentido mais completo da metáfora. Os rasgos causados pelo corte, representados de maneira disforme e irregulares, também são importantes. Ora, se fosse um corte cirúrgico mesmo sendo um corte limpo e sem lacerações, mesmo que essa imagem não crie uma alusão à violência, ainda assim é uma ferida. De maneira que, tanto o corte cirúrgico quanto as demais formas de cortes, todos têm a ferida como consequência em comum. Logo, a ferida é sempre imagem de dor contínua, assim caracteriza a vida do tecido lacerado. Portanto, quando Anzaldúa metaforiza as invasões territoriais e as guerras entre México e EUA está, na verdade, afirmando que as agressões ainda destroem o tecido vivo que existira nesse espaço.

O sangramento da ferida aberta representa a violência exposta e funciona como imagem real de um fluxo inesgotável, já que a intolerância cultural não é dissolvida. Essa

metáfora pode ser encarada como a tentativa de reclamar direito aos indígenas astecas, massacrados durante a colonização das Américas. O sentido imbuído à ferida aberta caminha pelos anos da colonização espanhola, mostra a perda de território mexicano para os norte-americanos e ainda encontra a não definição da fragilizada identidade mexicana-americana. Para Anzaldúa, a fronteira é a corrente sanguínea dos dois países e esses países se alimentam dessa ‘força vital’, ou seja, é a própria hemorragia dessa ferida o lugar de vida, tanto para o México, quanto para os EUA. Isso acontece porque cada país como estado-nação preserva seus próprios ritos sociais, que são compartilhados e compreendidos nacionalmente, contudo, quanto mais perto da fronteira, mais forte fica o imaginário representativo do todo.

Na tentativa de esgotar as possibilidades de sentido para o significado de *herida abierta* é preciso exaurir esse termo até que ele signifique também multiplicidade. A partir da imagem sobre as dilacerações, há três etapas consequentes: a necrose do tecido vivo, o instante do corte e o processo de cura. Partindo do pressuposto de que essa visão não incorpora todas essas etapas de uma ferida, ainda há a quarta etapa: o constante retorno ao ato do corte. Assim, o ferimento seria, ao mesmo tempo, o resultado e a consequência. A eterna hemorragia mantém multiplicação das práticas híbridas. Ademais, as fronteiras como *heridas abiertas* contempla principalmente as diferenças. São o *locus* das misturas religiosas, das várias línguas e das várias práticas sagradas e movimentos culturais antagônicas ou não. Portanto, a intenção aqui é muito mais que dar nome a determinada situação velada, é preciso procura relacionar o presente e o passado de uma situação caracterizada como futuro.

A fronteira é uma ferida aberta porque passeia pela dor, comunica a ideia de agressão e eterniza a violência. É uma ferida para a qual não há esperanças de melhora e não se vislumbra cicatrização ou processo de cura, ao contrário, é preciso a constante hemorragia para que ela exista em sua plenitude de ferida aberta. Ora, se na medicina a agressão ao tecido muscular às vezes precisa de enxerto – uso de músculo sadio no lugar da ferida – no caso cultural não há motivo para reposição de tecido, haja vista a impossibilidade de restauração. Mesmo no exemplo do procedimento cirúrgico para repor o tecido vivo o paciente não será o mesmo. A ferida que recebeu um reparo se transforma em uma cicatriz, ou seja, mesmo que deixe de ser ferida, ainda será uma marca com as memórias da agressão.

A grande oposição é que no caso cultural a *herida abierta* não pode vir a ser uma cicatriz, pois no estado de cicatriz não há a dor necessária para que haja o constante cuidado. A cicatriz camufla a situação, sendo que por isso Anzaldúa não recorre à palavra cicatriz ao descrever a fronteira. Ela precisa de algo que referencie um presente contínuo, uma imagem que revele o momento da agressão na intenção primordial de perpetuar os diálogos sobre a fronteira. Portanto, no estado de ferida aberta a continuação do momento da agressão abre possibilidades para esses encontros fissurarem a modernidade. A modernidade é resultado dessa ferida. Até porque a modernidade vem no lastro do sangue derramado dos astecas, da agressão do tratado de Guadalupe-Hidalgo e nos corpos esmagados pelo massacre indígena em toda a América Latina. As fronteiras são as feridas da modernidade porque os ritos e as línguas dos ancestrais foram silenciadas e marginalizadas, mas é a partir das ressignificações culturais que a modernidade se consolida. Assim, em se tratando de ferida como força motriz da modernidade, deixar sangrar é validar as misturas multiculturais, o bilinguismo e o *entre* cultural, é perpetuar a multiplicidade do sujeito. A imagem da fronteira como ferida aberta diz sobre a impossibilidade de camuflar, suavizar, homogeneizar, disfarçar, aliás, essa ferida aberta é como a pele negra, indígena e *mestiza* todas as tentativas de escondê-la são vãs.

O corpo-texto de Glória Anzaldúa anunciando o futuro

Por ter nascido nessa região de conflito Glória Anzaldúa se torna voz coletiva, “*Nosotros los Chicanos* entendemos as fronteiras” (p. 84). Com seu trabalho ela abre espaço para seus ancestrais e para sua ascendência porque sua pluri-representatividade anuncia a identidade múltipla de uma geração brutalmente silenciada. A escrita *chicana* agressiva coloca no centro do debate o corpo de Anzaldúa. Seu corpo denuncia os vestígios coloniais perpetuadores da exclusão dos *mestizos*. Em sua obra, para os *chicanos*, é perceptível as dificuldades de ascensão social porque estes sujeitos foram alocados em ambiente propício à criminalidade, à prostituição e à miséria por serem o refúgio desse sistema continuamente excludente. Além disso, os *chicanos* serviam apenas como mão de obra para o processo de modernização. A colonialidade do saber dita por Walter Mignolo (2007) explica o domínio colonial no extermínio de outras epistemologias. A colonialidade também difunde o discurso manipulado sobre a democracia racial. Essa falsa cortina pretende esconder os sujeitos que estão suportando toda a carga dos efeitos do processo de aculturação, do silenciamento identitário e, principalmente, da dificuldade de ascensão social.

Anzaldúa resume algumas características de seu corpo;

na etno-poética e no desempenho do xamã, minha gente, os índios, não dividiram o artístico do funcional, o sagrado do secular, a arte do cotidiano. A religião, o social e o estético da arte estavam todas entrelaçadas. Antes da conquista, poetas se reuniam para cantar músicas, dançar, cantar e ler poesia em lugares ao ar livre ao redor do *Xochicuauhtl, el Árbg Florido, Árvore-em-Flor*. [...] O escritor, como trocador de formas, é um *nahual*, um xamã (ANZALDÚA, 2012, p. 88).

A sociedade atual está constantemente na tentativa de camuflar os poderes xamanísticos dos pajés e estereotipar o caráter estético das obras de arte dos indígenas. Haja vista que a modernidade, em certa medida, é um compilado das ações em espaço e tempo. As regiões fronteiriças são o próprio tempo presente dos trânsitos de mercadorias, pessoas e culturas e não há fuga possível da ferida aberta. Os valores culturais essencialistas apodreceram e persistir na tarefa de ressignificar a visão cultural torna a modernidade uma terra fértil para o cultivo de culturas vivas. Sendo assim, a fronteira é também a representação do corpo-texto de Anzaldúa, E, nesse sentido, o movimento do corpo-texto, o vai e vem de sujeitos, de objetos, de produtos, de línguas e de costumes é a eterna continuidade da existência que deixa a urgência do futuro na iminência de existir e de estar por vir, ao mesmo tempo. No geral, o presente é sempre uma movimentação constante que só pode ser verificada no momento do acontecimento. Esse é o caráter da modernidade que sangra e se torna lugar em constante mudança porque a fronteira é a reunião dos elementos de uma ferida aberta como *locus* identitário. Como dito por Walter Mignolo (2007), geo-histórico “não é um lugar geográfico específico, mas um lugar geográfico com uma história local particular” (p. 254). De tal modo, a fronteira cultural, enquanto espaço geo-histórico, considera todos os aspectos, sendo eles: sociais, políticos e históricos.

Anzaldúa é lida na tentativa de potencializar seu texto escrito. A partir de suas obras foi possível perceber seu lugar identitário – mulher, negra, mestiça e indígena – ela foi um sujeito em trânsito. Seus processos de identificações plurais foram vislumbrados fora das obras já que os marcadores estão em suas características de *chicana*. Para isso, em vários níveis de argumentações através do ‘Eu identitário’, ela fica presente mesmo quando argumenta sobre o ‘Outro identitário’. Assim, o sentido literário extrapola e muda o efeito

dessas características culturais reunidas e sobressaem-se, então, quando se trata de cultura para que assertivas coletivas também correspondam ao campo individual; portanto, Anzaldúa está dizendo: - sou fronteira, sou trânsito, sou mescla, sou a margem, sou o que restou do massacre identitário, sou a resposta aos escravagistas, sou a indígena *chicana*. Sou o resultado de um país colonial, patriarcal, machista e burguês, onde a divisão hierárquica é a única instituição sólida, existindo sem as intermináveis papeladas burocráticas. Represento a consciência *mestiza*, a multiplicidade do Ser, a luta de carne, a presença, a falta e a saudade.

O caminho para perceber esta escrita como anúncio do futuro está na capacidade de absorver as mudanças do tempo presente. Há certa urgência diretamente relacionada a uma reflexão teórica também ajustada à perspectiva literária, isso porque a fronteira cultural é espaço propício à transformação. É possível que as divisões geográficas e divisões culturais não sejam percebidas como elementos isolados, mesmo distintos servem de constructo analítico para o conceito de modernidade. Particularmente é preciso aproximar texto literário e corpo para intensificar as análises de corpo como texto. Logo, através de associações literárias pertinentes à obra de Anzaldúa, assim como por meio de aspectos culturais referentes à tradição, memória e linguagem. Ora, se Gloria Anzaldúa consegue ser a personagem de sua própria história ela consegue transitar da vida para a ficção. Não caberia aqui intencionar a separabilidade dessa dialética entre a escrita ficcional e a realidade. Por isso mesmo, o lugar de quem é integralmente atravessado por heranças coloniais interfere diretamente na condição cultural. A medida constituinte da fronteira invisível carrega consigo o peso ideológico, o peso da fronteira expande uma carga negativa sobre os sujeitos migrantes. Isso os torna mais que uma classe excluída, pois podem até ocupar um espaço legal no país que os acolhe, mas isso não garante sua inserção na imagem nacional desse país.

Colocar em evidência valores absolutos sobre, por exemplo, a religiosidade, os aspectos sociais, a postura política e as atividades econômicas das regiões de fronteira é questionar essas convenções antes consagradas com o caráter de verdade e que hoje são valores enfraquecidos. Os questionamentos abrem espaço para as identidades tidas como ‘diferentes’. As zonas de apagamento cultural são ressignificadas e absorvidas. Tornam-se um aglomerado cultural. No entanto, para a completude desse quadro, é necessário que as identidades subalternas se livrem também das construções ideológicas que as inferiorizam. Na definição de Spivak (2010), o sujeito subalterno pertence “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12). Portanto, esses sujeitos construídos pelas epistemes ocidentais, agora à deriva sem as âncoras sociais, são o principal agente dos (des)encontros identitários evidenciados ao longo do debate teórico realizado por Stuart Hall sobre os subsídios da multiplicidade do sujeito.

Portanto, ao postular a voz de denúncia não de reforçar os estereótipos entre os dois países. Não se trata de desenhar um país ‘perdedor’ e o outro ‘vencedor’. A intenção pautar a modernidade as múltiplas possibilidades para os (des)encontros identitários. Se compararmos o norte do México e o sul dos EUA não se trata do fator geográfico, de maneira isolada. O que determina os fatores econômicos entre norte e sul do EUA são os processos de povoamento de cada país. Dito de outra forma, a representatividade de um estado está intrinsecamente vinculada aos aspectos econômicos, políticos e culturais, porém a visão determinista superficial insiste em considerar fatos como se a prosperidade fosse inerente às categorias Norte e Sul. Com a compreensão sobre o norte e sul de Boaventura de Sousa Santos (2010) sobre as epistemologias do Sul é possível transcender

o caráter geográfico para as possibilidades de compreensões sobre norte e sul pelo viés cultural. Mesmo assim, o caráter geográfico perpetuou estereótipos causadores de ruídos conceituais nas discussões sobre nacionalidade e identidade, limitando o diálogo a uma sequência contínua de conclusões generalizadas sobre fronteiras geográficas.

Desse modo, Walter Mignolo diz que, “[a] diferença colonial é, finalmente, o local ao mesmo tempo físico e imaginário onde atua a colonialidade do poder, no confronto de duas espécies de histórias locais visíveis em diferentes espaços e tempos do planeta” (MIGNOLO, 2003, p. 10). Quando o teórico abre esse campo, é possível compreender o pós-colonial como o processo responsável pela anulação das realidades coloniais, pois, ao mesmo tempo em que a história oficial guiou as concepções modernas, também camuflou a hierarquização da colonialidade do poder. Mesmo que alguns conceitos mudem de sentido original, como é o caso do sentido de *movência* para designar fronteira, ainda causam inaceitabilidade. Entretanto, essa resistência ao uso do termo reforça a necessidade de marcar o lugar *fronteira* como *zona de contato*, até que esse conceito seja uma categoria relacionável em primeira instância, diante de debates culturais que articulam sobre espaços de choque entre duas realidades.

O teórico Ottmar Ette (2009) já havia transformado os gêneros textuais da literatura no resultado entre a *fricção*. Significa dizer, o friccionar e a tensão entre dois elementos inseparáveis acabam por transfigurá-lo em único elemento. Ele afirma que as características culturais, historicamente, demonstram que a identidade não se restringe às fronteiras territoriais, visto que a *fricção* se dá justamente no deslocar das características inerentes ao sujeito. O teórico usou como exemplo o termo *borderlands* (ETTE, 2009, p. 77), de Anzaldúa, para designar a separação/união entre dois países (o sul dos EUA e o norte do México). Para Ette, as áreas de *fricção* proporcionam o encontro/confronto entre duas culturas, tornando-as um único lugar. Portanto, seria também a *ferida aberta* e o corpo-texto de Anzaldúa, proposta do título, pois essa metáfora faz referência ao lugar ficcional e real, contribuindo para a compreensão do *locus* das construções identitárias.

A partir dessas questões, se o corpo de Anzaldúa também começa ser lido como texto a literatura está como fio condutor para o arco entre consequências culturais e ficcionais, marcado pelo paralelo metafórico e real. De modo que, *Borderlands* passa pelo caminho da modernidade, no entanto, o *fio* que leva até o cerne da questão precisa de um corpo-texto. Seguindo esse raciocínio, o *fio* condutor seriam as informações sobre as regiões de fronteira reveladas, primordialmente, nas identidades *mestizas* e pluriculturais. As questões se inter-relacionam com as práticas discursivas e Anzaldúa está em vários lugares de enunciação como escritora, romancista e teórica, mas sua principal característica é a presença. Assim como a fronteira, seu corpo também não se detém em definições. Portanto, a busca da consciência *mestiza* transforma a autora em sujeito indefinido, dessa forma Anzaldúa é o texto falado também. O seu corpo é texto dentro e fora da teoria. O anúncio do futuro os da modernidade está na ferida aberta em que a vida na fronteira é contraditória e movediça, capaz de moldar o sujeito fronteiriço e todos os aspectos a sua volta. A vida anunciada é cada vez mais deslizante e está leitura sobre os espaços de fronteira tornam caminhos possíveis para a compreensão dos trânsitos da modernidade.

Considerações finais

Ao longo deste debate foi possível dizer que a identidade é móvel, a língua é viva, a cultura é trânsito, a fronteira é passagem e o texto é corpo que anuncia outras possibilidades de futuro. Possibilidades de futuro proporciona a interpretação de que os espaços de fronteira são os mais ricos de quaisquer civilizações. Além disso, ao caminhar por esse espaço cultural Anzaldúa conduz à percepção do lugar ‘entre’, um lugar com

características do real e do imaginário porque contempla a imagem da ferida em hemorragia. Este é o fio condutor entre a literatura e a realidade. Ora, quando se instaura a imagem de uma ferida, abre-se também a imagem de um corpo ferido em hemorragia, aqui é possível visualizar o corpo de Anzaldúa. Ela nasceu no lugar de conflito. Sua cidade natal no México se tornou território outro. Assim, Anzaldúa é o corpo agredido que sangra constantemente sem possibilidade de reparos. Nesse sentido, seu corpo possibilita a transferência de valores para o texto que pode ser teórico, histórico e poético. Anzaldúa é corpo e texto, e, ainda assim, as questões entorno da instabilidade fronteiriça não se resolve. Encontrar o corpo símbolo da metáfora não simplifica a disputa étnico-racial da fronteira. Por fim, as feridas da modernidade reescrevem em traços conflituosos o futuro dessas regiões, para pontuar a fragilidade dos limites físicos. As fronteiras estão em xeque. Nesse sentido, a fronteira não existe, pois não separa as inter-relações étnicas e literárias porque dependem de um conjunto maior de práticas culturais. A fronteira não existe porque é uma grande ferida, usada como portal para as alterações dos sujeitos sociais em que a voz da *mestiza* atinge a multiplicidade do ser.

Borders as wounds of modernity: The body text of Gloria Anzaldúa announcing the future

ABSTRACT: The work of the *chicana* Gloria Anzaldúa was the text able of stimulate the discussion about borders. The *mestiza* identity and the denunciation text extrapolate from individual to collective thought and spreads the multiplicity of identity in the border area – “Borderland”. Considering the border as space to the effervescence of multiple subjects, it is here in this dialogue to approach the border with the conception of wound. In this sense, modernity would be based on the body-text of this writer who was able to announce the future.

Keywords: Body text. Gloria Anzaldúa. Cultural border.

* Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UFRGS na linha de pesquisa Teoria, Crítica e Comparatismo. E-mail: fidelainysousa@gmail.com.

** Doutor em Letras. Professor Adjunto no Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas, Setor de Alemão da UFRGS. E-mail: geron.neumann@gmail.com.

¹ *Borderland* is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary. It is in a constant state of transition.

² Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish *us* from *them*. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge.

³ Southwest consider the inhabitants of the Borderlands transgressor, aliens—whether they possess documents or not, whether they’re Chicanos, Indians or Blacks. Do not enter, trespassers will be raped, maimed, strangled, gassed, shot. The only ‘legitimate’ inhabitants are those in power, the whites and those who align themselves with whites. Tension grips the inhabitants of the Borderlands like a virus. Ambivalence and unrest reside there, and death is no stranger (ANZALDÚA, 2012, p. 27).

⁴ Em abril de 2017, a obra de Anzaldúa completou trinta anos. Depois das condições descritas até aqui, não parece novidade que as políticas do presidente eleito, Donald Trump, tenham estabelecido como meta a construção de um muro para oficialmente separar os dois países, México e Estados Unidos da América. Com essa decisão, é possível inferir duas posturas: primeiro, Donald Trump não quer apenas controlar o fluxo de imigrantes, mas também responsabilizá-los por qualquer atraso econômico de seu país. Segundo, a preocupação em manter a hegemonia política em detrimento dos elementos culturais fragiliza ainda mais os processos de identificações do sujeito mexicano-americano que vive nos EUA.

⁵ The U.S.- Mexican border *es una herida abierta* where the Third World grates against the first and bleeds. And before a scab forms it hemorrhages again, the lifeblood of two worlds merging to form a third country – a border culture.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: the new mestiza*. 4ªed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

DERRIDA, J. *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 4 ed. 2009.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HANCIAU, N. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. (org.) *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

MIGNOLO, W. D.; *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidades em política*. Cadernos de letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34. p. 287-324, 2007.

SAID, Edward. Identidade, autoridade e liberdade – O potentado e o viajante. In: Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, S. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

SANTOS, B. S. *Modernidade, identidades e a cultura de fronteira*. Tempo Social; In: *Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 31-52, 1993. Editado, em nov. 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010.